



Políticas, espaços e tempos de internacionalização em uma universidade pública contemporânea

Políticas, espacios y tiempos de internacionalización en una universidad pública contemporánea

Políticas, espacios y tiempos de internacionalización en una universidad pública contemporánea

MONTEIRO DE AGUIAR PEREIRA, Elisabete¹

Monteiro de Aguiar Pereira, E. (2023). Políticas, espaços e tempos de internacionalização em uma universidade pública contemporânea. *RELAPAE*, (19), pp. 74-85.

Resumo

O artigo aborda o processo de internacionalização de uma universidade pública no Brasil, que teve a internacionalização como um de seus aspectos constituintes, deste seu projeto inicial. O texto analisa as políticas institucionais de internacionalização que orientaram e orientam o processo, as ações e estratégias desenvolvidas. Como referências para a análise foram consultados documentos institucionais relacionados aos planejamentos estratégicos quatrienais no que se referem ao aspecto internacionalização, os diversos relatórios de avaliação institucionais no tópico específico sobre a internacionalização, os documentos da Diretoria Executiva de Relações Internacionais (DERI), que é o órgão responsável por toda a dinâmica de internacionalização na instituição. É um texto analítico crítico, com reflexões sobre o desenvolvimento e evolução do processo de internacionalização, sobre os contextos das diferentes épocas ao longo das mais de 5 décadas de sua existência e dos seus desdobramentos, principalmente a respeito das políticas, ações e estratégias ao longo dessas décadas. Refletindo sobre a dinâmica da época atual, é enfocada a internacionalização para além da mobilidade, a dimensão mais democrática da chamada internacionalização em casa e alguns dos caminhos futuros da internacionalização. A mobilidade tem sido o aspecto mais enfatizado na história da internacionalização nas universidades, desde sua constituição há quase dez décadas. Na atualidade, outras ênfases estão presentes, buscando uma internacionalização que seja mais democrática e igualitária. Esse entendimento dá à internacionalização um novo caráter, o qual está presente na estruturação atual da universidade em análise.

Palavras-chave: internacionalização, Internacionalização na educação superior, programas de internacionalização, mobilidade, internacionalização em casa.

Resumen

El artículo aborda el proceso de internacionalización de una universidad pública en Brasil, que tuvo la internacionalización como uno de sus aspectos constituyentes desde su proyecto inicial. El texto analiza las políticas institucionales de internacionalización que orientaron y orientan el proceso, así como las acciones y estrategias desarrolladas. Se consultaron documentos institucionales relacionados con los planes estratégicos cuatrienales en lo que respecta a la internacionalización, varios informes de evaluación institucional sobre el tema específico de la internacionalización y los documentos de la Dirección Ejecutiva de Relaciones Internacionales (DERI), que es el organismo responsable de toda la dinámica de internacionalización en la institución. Es un texto analítico crítico con reflexiones sobre el desarrollo y la evolución del proceso de internacionalización, los contextos de las diferentes épocas a lo largo de más de cinco décadas de existencia y sus desdoblamiento, principalmente en cuanto a políticas, acciones y estrategias a lo largo de estas décadas. Al reflexionar sobre la dinámica actual, se enfoca en la internacionalización más allá de la movilidad, la dimensión más democrática de la llamada internacionalización en casa y algunos de los caminos futuros de la internacionalización. La movilidad ha sido el aspecto más enfatizado en la historia de la

¹ Universidad Estadual de Campinas, Brasil / eaguiar@unicamp.br

internacionalización en las universidades, desde su constitución hace casi diez décadas. En la actualidad, otros énfasis están presentes, buscando una internacionalización más democrática e igualitaria. Este entendimiento le da a la internacionalización un nuevo carácter, que está presente en la estructuración actual de la universidad en análisis.

Palabras Clave: internacionalización, internacionalización en la educación superior, programas de internacionalización, movilidad, internacionalización en casa.

Abstract

The article covers the internationalization process of a public university in Brazil, which had internationalization as one of its constituent aspects since its initial project. The text is developed focusing on the institutional internationalization policies that guided and guide its process, actions and strategies undertaken. The many four-year strategic plans were consulted with regard to the internationalization aspect, the various institutional assessment reports on the specific topic of internationalization, the documents of the Executive Directorate of International Relations (DERI), which is the sector responsible for all internationalization dynamics in the institution. It is a critical analytical text with reflections on the development and evolution of the process, on the contexts of different eras throughout the more than 5 decades of its existence, and its developments, mainly regarding to policies, actions and strategies throughout these decades. Reflecting on the dynamics of the current era, the focus is on internationalization beyond mobility, the more democratic dimension of the so-called “internationalization at home” and some of the future paths of internationalization.

Keywords: internationalization, Internationalization in higher education, internationalization programs, mobility, internationalization at home.

Introdução

A internacionalização sempre foi um foco estratégico na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, uma universidade pública do estado de São Paulo – Brasil.

O enfoque da internacionalização está presente nela, desde seu projeto de criação, elaborado em 1966, sendo a única universidade brasileira que teve a internacionalização como aspecto constituinte em sua concepção. O projeto, com essa ampla visão, se deve a seu idealizador Prof. Zeferino Vaz e Reitor pelos primeiros 12 anos. Sua ideia era a de favorecer um ambiente de multiplicidade de culturas, enfoques e expertises tanto aos docentes, como aos alunos e funcionários (Pereira e Martins, 2018).

A internacionalização nunca deixou de ser um dos pilares das atividades de pesquisa, ensino e extensão. Com a intensificação da sociedade interconectada e globalizada, as atividades de internacionalização cresceram e se diversificaram. De forma geral, a internacionalização é entendida como a criação de relações baseadas no conhecimento mútuo de aspectos constituintes dos contextos social, educacional, cultural, político, geográfico, econômico e de língua (De Wit e Altbach, 2020).

Desde as décadas iniciais do século XXI a internacionalização vem sendo discutida de forma a ultrapassar o maciço enfoque na mobilidade acadêmica de graduandos, pós-graduandos, pesquisadores, funcionários e gestores, e focando uma internacionalização como aspecto de formação multicultural, de visão e integração entre nações, conhecimentos e valores.

Tomando esses aspectos como base e princípios, a universidade tem a premissa de ainda ser a instituição que pode promover a integração dos conhecimentos, da cultura, dos valores, dos povos e do respeito pelas diferenças e especificidades de cada nação.

Estudiosos como Steger (2003), De Wit e Hunter (2013), conceituando internacionalização na primeira década do século XXI, concordam que o atual movimento reflete necessidades dos acadêmicos² que vivem em uma sociedade globalizada, onde o ensino superior tornou-se parte integrante do processo de globalização. Há, assim, uma mudança de postura a respeito da internacionalização, com ênfase no direito democrático ao conhecimento produzido em toda parte, embora saibamos das lutas contra o predomínio do mercado de conhecimento (patentes, uso industrial, exclusividade farmacêutico, atração econômica de estudantes e de pesquisadores para as instituições).

Internacionalização é um processo que, na sua dinâmica, está em constante mudança para atender às necessidades da instituição a que está vinculada, da sociedade e da humanidade. Muitos dos problemas atuais são de ordem mundial e solicitam, cada vez mais, o aporte da produção de conhecimentos e ideias que possam ser aplicadas em todo o mundo. São problemas que atingem toda a humanidade e necessitam atitudes conjuntas para sua solução, como por exemplo, a pandemia do Coronavírus que se espalhou por todo o planeta, as mudanças climáticas, a escassez dos recursos naturais, a extinção de animais etc. A ciência produzida nas universidades, interessa não só a um país, mas a todas as nações.

Nesse sentido, os problemas de dimensão global necessitam soluções igualmente globais. As universidades contemporâneas entendem que devem formar profissionais que estejam atentos a respeito destas questões, isto é, formar com consciência da dimensão internacional de suas atividades, formar com visão ampla de contribuição e preservação em benefício de todo o planeta. Isso não significa deixar de formar para o local, o regional e o nacional. Significa ter visão de que estas dimensões estão contidas na dimensão internacional.

Cientes desses aspectos, muitas universidades no mundo tomaram mais seriamente o aspecto da internacionalização, como a Reforma curricular da Universidade Harvard de 2007 (Pereira, 2010), a Reforma da Universidade Europeia com a criação do Espaço Europeu de Educação Superior. Outras universidades intensificaram os convênios, a publicação conjunta, as pesquisas em rede com vistas à produção de conhecimentos não restritos ao institucional. Também se vê fortalecidos projetos de pesquisa interdisciplinar numa clara perspectiva de que o conhecimento hoje se produz na interação de áreas e na multiplicidade de enfoques.

² Por acadêmico se entende discentes, docentes, pesquisadores, funcionários e gestores.

A Internacionalização na Unicamp

A Unicamp é uma das universidades que vem estruturando a questão da internacionalização e apresenta, em seu site, dados a respeito dessa organização³. A internacionalização se configura em seu Planes de 2021-2025 - Plano Estratégico, como processo intencional e intrínseco aos propósitos da universidade. A internacionalização torna-se intrínseca quando a universidade entende que sua importância ultrapassa o foco econômico e que deve ser proporcionada para a maioria dos acadêmicos.

A primeiras ações de internacionalização na Unicamp datam do início da composição de seu corpo docente, quando seu idealizador, Prof. Zeferino Vaz, contratou professores e pesquisadores estrangeiros, favorecendo um ambiente multicultural e a vivência internacional na instituição que iniciava suas atividades (Pereira e Martins, 2018). Foram contratados 230 professores estrangeiros de todo o mundo e foram trazidos de volta ao Brasil, mais de 180 pesquisadores brasileiros de alto nível que trabalhavam em universidades americanas e europeias. Contratar docentes vindos dos mais diferentes países, independente de suas orientações políticas e religiosas, nos anos em que o Brasil estava sob um regime político fechado e administrado por militares após 1964, permanece na história da Unicamp como um marco de sua livre e democrática estruturação, do esforço e ideal de seu idealizador para construir uma universidade em novas bases, incluindo a internacionalização. A presença de professores estrangeiros favoreceu uma ambiência internacional ao espaço acadêmico e um multiculturalismo dentro do campus.

Estes professores, além de produzirem um ambiente internacional, foram responsáveis por atrair outros professores e pesquisadores, igualmente de alto nível, e a iniciar a formação de grupos de pesquisa com inserção internacional.

A internacionalização para ser efetiva em uma instituição de educação superior tem que estar institucionalizada em órgão responsável pelo seu processo. A Unicamp criou um órgão específico para tal, em 1984, denominado Coordenadoria de Relações Internacionais - CORI, com o objetivo de fortalecer o aspecto de internacionalização, uma vez que esta já figurava em sua estrutura. Hoje este órgão passou a ter o status de Diretoria e a se chamar Diretoria Executiva de Relações Internacionais – DERI. Ela é responsável por formular toda a política de internacionalização, promover intercâmbios, recepcionar e dar apoio a estudantes e docentes em programas de intercâmbios tanto para os que vêm à universidade, como os que vão para universidades parceiras. A DERI está dividida em setores para atender os diferentes países. O Setor 1 atende Rússia, China, Japão, Coreia do Sul, África do Sul, Indonésia, Alemanha, República Tcheca, Polônia, Malta, Lituânia, Letônia, Estônia, Balcãs (Sérvia, Eslovênia, Macedônia do Norte etc.). O Setor 2 atende Estados Unidos, Canadá, Israel, países Africanos, Austrália, Nova Zelândia e países Nórdicos (Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia, Islândia). O Setor 3, atende América Latina, Caribe e Espanha. O Setor 4 atende Reino Unido, França, Irlanda, Suíça, Bélgica, Holanda, Portugal e Itália.

O desenvolvimento da internacionalização na Unicamp pode ser dividido em três fases. Na primeira fase foram contratados professores estrangeiros para compor o corpo docente, o que garantiu uma ambiência internacional e a formação de alunos com abordagem multicultural. Vieram professores russos, hindus, latino-americanos, europeus, norte-americanos, integrando diferentes nacionalidades, línguas, culturas, métodos de ensino, ideologias (Pereira e Martins, 2018).

A segunda fase foi a relativa à formação no exterior de seu corpo docente, em nível de doutorado. Essa fase repercutiu no estímulo para docentes brasileiros realizarem estudos e estágios no exterior com objetivo de reforçar relações acadêmicas, principalmente de pesquisa e publicação. Uma terceira fase foi a da ênfase na mobilidade de pós-graduando para o exterior para completar estudos ou desenvolver pesquisas na forma de programa sanduiche (ênfase inaugurada nessa fase e existente até hoje). A quarta fase é a que está se processando desde o ano 2000, com ênfase também na internacionalização do aluno de graduação, além da mobilidade de pós-graduandos, docentes, pesquisadores e funcionários.

O Planes (Planejamento Estratégico) para o quinquênio de 2021 a 2025, considera,

³ Dados a esse respeito pode ser conhecido no site <http://www.internationaloffice.unicamp.br>

que a Unicamp é uma universidade complexa, plural, que busca permanentemente a excelência em todas as áreas de atuação e que reafirma seu compromisso institucional como universidade pública, nos termos da Constituição Federal. Como parte do compromisso com a excelência, o Planes-2021-2025, explicita o compromisso institucional com o Desenvolvimento Sustentável definido pelas Nações Unidas por meio dos 17 Objetivos. (p. 7)

Dentre os 13 objetivos estratégicos que compõem esse Planes, a internacionalização está vinculada ao objetivo 5 - “Ampliar a visibilidade dos programas de ensino, em todos os níveis, para que mais estudantes se sintam atraídos pela experiência formativa da Unicamp” (Planes 2021-2025, p.51). Este objetivo tem como linhas de ação de internacionalização: 1. Atração de estudantes, 2. Atração de docentes e pesquisadores, 3. (Inter)Nacionalização dos currículos.

O conceito de internacionalização exposto nele envolve múltiplos aspectos. A internacionalização é apresentada como uma das estratégias prioritárias com o objetivo de manter a Unicamp como uma universidade de caráter internacional. Os focos de ação são: ensino, pesquisa, gestão, administração, professores estrangeiros, mobilidade docente, discente e de funcionários, formação de funcionários bilíngues. Propõe também, ações que mobilizam a vinda de estudantes estrangeiros de graduação e pós-graduação, doutorado sanduíche, internacionalização do currículo, acordos de cotutela, oferta de bolsa de estudos para alunos de pós-graduação estrangeiros e alunos da Unicamp para o exterior, internacionalização na extensão e nos seus dois colégios técnicos com bolsa para aluno e professor para o exterior, intensificação de cursos de línguas para os estudantes, docentes e funcionários da Unicamp e língua portuguesa para os estudantes estrangeiros.

Na estratégia relativa à busca pela excelência do ensino, a internacionalização está definida com o propósito de preparar o estudante para o exercício profissional em um mundo globalizado, entendendo que esse preparo vai além da mobilidade estudantil, passando por uma orientação curricular mais integrada e compatível com universidades estrangeiras e pela maior interação entre estudantes de vários países (PLANES, 2021-2025, p.30). Na estratégia prioritária para a excelência na pesquisa, a internacionalização é vista como processo com múltiplas finalidades no mundo globalizado, cuja visibilidade de resultados deve ser intensificada por meio de publicação, eventos internacionais, parcerias, rede de pesquisa e cooperação internacional.

A história da instituição universidade mostra que ao longo dos seus quase 1000 anos (10 séculos), a mobilidade foi um aspecto que a constituiu desde seu início. Atualmente, a mobilidade é também um aspecto constituinte das reformas universitárias que se processam em várias universidades europeias, americanas, asiáticas e latino-americanas. Na Unicamp, embora um grande número de atividades de internacionalização sejam desenvolvidas, a mobilidade sempre ocupou um lugar de destaque como estratégia implementada, pelo entendimento de que a mobilidade favorece a compreensão do valor do multiculturalismo em tempos de globalização e do valor de formar um cidadão global (PLANES 2016 – 2020).

Neste século XXI, um número maior de universidades está criando políticas, estratégias e ações para gerar oportunidades de intercâmbio internacional para seus acadêmicos, como indica Bhndari e Blumenthal (2011). Eles apontam que na primeira década do século 21, mais de três milhões de alunos se mobilizaram e cruzaram fronteiras geográficas, culturais, digitais e educacionais no mundo, em busca de um complemento internacional para sua formação.

A literatura nos fala sobre dois tipos de mobilidade no processo de internacionalização - mobilidade ativa e mobilidade passiva (Murphy, 2007; Knight, 2012; De Wit et al., 2015; De Wit e Altbach, 2020). A mobilidade ativa é descrita como a que atrai estudantes para a universidade e a mobilidade passiva, a que envia seus acadêmicos para outras universidades.

A Unicamp pratica os dois tipos de mobilidade. O Relatório de Avaliação (2023) indica que no ano de 2019, 433 alunos estrangeiros de graduação estavam matriculados nos cursos da Unicamp e 1027 estavam na pós-graduação. No entanto, no período da pandemia do Coronavírus o setor da internacionalização talvez tenha sido um dos mais afetados. Avaliando a mobilidade dos estudantes e, usando o ano de 2019 como referência, a queda até o ano de 2021 foi significativa. Em 2022, com o retorno à uma normalização, 182 alunos estrangeiros se matricularam na graduação e 835 na pós-graduação (Anuário Estatístico da Unicamp, 2023). Em relação à mobilidade passiva, o mesmo fator ocorreu. Em 2019, 210 estudantes da Unicamp foram para o exterior, e no ano de 2021, apenas 67 (Anuário Estatístico, 2023).

A Unicamp tem sido uma universidade que exerce forte liderança no espaço latino-americano. O relatório da Avaliação Institucional (2023), com dados de 2022, mostra a importância regional latino-americana de suas atividades. Os estudantes latino-americanos correspondem a mais de 70% dos alunos estrangeiros matriculados, o que pode estar relacionado às condições favoráveis que ela oferece. Em relação ao envio de estudantes para outras universidades, ela financia, por meio de editais específicos da Diretoria de Relações Internacionais (DERI), o intercâmbio de alunos para países específicos. Também em 2021 (período ainda sob o impacto da pandemia) foram concedidas 21 bolsas para professores visitantes do exterior e 92 bolsas de doutorado sanduiche.

Pensando em aumentar o grau de atratividade para os estudantes estrangeiros, a Unicamp tem desenhado um Programa Curricular de Disciplinas oferecidas em Língua Inglesa e tem multiplicado a oferta de língua inglesa para um maior número de seus alunos de graduação (Relatório de Avaliação, 2023). Além disso, a universidade conta com um Centro de Ensino de Línguas (CEL) que oferece cursos para estudantes, docentes e funcionários em diferentes línguas: alemão, espanhol, francês, japonês, hebraico, inglês, italiano e português para estrangeiros. A língua mais procurada é a inglesa, seguida da italiana, francesa e alemã. Se a universidade tem a perspectiva de que todos os alunos possam ter competência para ler e escrever em inglês, um maior esforço para oferecimento de cursos e o uso de tecnologias para alcançar um número maior de interessados deve ser feito. A finalidade é multiplicar as alternativas para os alunos aprenderem a língua como benefício profissional diante de um mundo globalizado.

A Unicamp participa de vários programas de internacionalização com vista à mobilidade. Dentre eles está o Programa Institucional de Internacionalização (Print) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes). O programa é voltado à pós-graduação e tem por objetivo oferecer bolsas de estágio em pesquisa de doutorado e pós-doutorado no exterior, bem como apoiar a vinda de pesquisadores de instituições estrangeiras ao Brasil. O Print foi concebido para desenvolver e implementar a internacionalização das áreas de conhecimento, estimular a formação de redes de pesquisas e o consequente aprimoramento da qualidade da produção acadêmica. Lamentavelmente o Print financia bolsas, prioritariamente, para os países do Norte Global.

Outro programa relativo à mobilidade é a parceria com o Banco Santander, uma das principais fontes de recursos para a mobilidade internacional de estudantes de graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores e funcionários. Esse programa envia cerca de 200 alunos de graduação por ano para mobilidade internacional. Outro é a Rede Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM) que promove a mobilidade entre universidades da América Latina, fortalecendo um espaço de integração acadêmica regional. Visando um maior conhecimento dos estudantes sobre as universidades latino-americanas, a Unicamp promoveu, em 2019, a Feira Latino-americana apresentando as oportunidades para intercâmbio de estudantes de graduação e pós, em universidades do México, Peru, Argentina, Bolívia, Chile e Colômbia.

Entre esses programas, destaca-se o da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que destina recursos a pesquisas feitas de forma colaborativa.

Internacionalização para além da Mobilidade

Teichler (2017) chama a atenção para o termo educação internacional utilizado frequentemente para apontar elementos curriculares de programas de estudos destinados a promover competências nos estudantes para atuarem em ambientes internacionais. Estes elementos incluem atividades destinadas a contribuir para a compreensão internacional e intercultural, fornecimento de conhecimentos sobre outros países, características transnacionais (por exemplo, direito internacional, comércio internacional), comparação internacional, conhecimento de línguas estrangeiras. Nesse sentido, o termo indica uma importante direção de mudança, ou seja, um movimento no sentido de mais internacionalidade e oportunidades iguais de interculturalidade, que vão para além dos programas de mobilidade.

A Unicamp tem estado bem colocada em rankings universitários nacionais e internacionais e, em grande número deles, um dos critérios de análise é o da internacionalização. A internacionalização nesses rankings se refere, geralmente, à capacidade de atrair estudantes e professores internacionais, às colaborações internacionais de pesquisas, aos programas de intercâmbio e oferta de cursos em línguas estrangeiras.

Alguns dos rankings que tomam a internacionalização como um dos critérios são: o Times Higher Education World University Rankings, publicado pela Times Higher Education; o QS World University Rankings, publicado pela empresa de consultoria QS; o Ranking de Xangai, publicado pela Universidade de Jiao Tong em Xangai, China (mas este concentra-se principalmente na pesquisa e nas realizações acadêmicas das universidades e menos na internacionalização). O U-Multirank é outro ranking que avalia universidades com base em uma ampla variedade de indicadores, incluindo internacionalização.

De forma geral, entre os indicadores de internacionalização, dois são utilizados frequentemente: o número de docentes estrangeiros e o número de docentes com titulação no exterior no quadro permanente da instituição. No entanto, segundo Teichler (2017) a ideia de internacionalização é bem mais ampla do que apenas esses indicadores. Para ele, além da mobilidade, da pesquisa e cooperação na produção de conhecimentos, há a internacionalização como tendência e iniciadora de mudanças no ensino superior, a competência intercultural, a internacionalização em casa (internationalization at home).

No caso da Unicamp, tendo em conta somente o ranking Quacquarelli Symonds América Latina e Caribe - QS, de 2023, divulgado em 13 de setembro, a universidade ocupa a terceira posição⁴. Também em junho de 2023, a Unicamp foi relacionada no grupo das 15% melhores universidades do mundo, na avaliação do QS World University Rankings 2023. No entanto, a posição do Pró-Reitor de Pesquisa da Unicamp⁵ no período de 2021 a 2024, define bem a visão da Unicamp sobre os rankings. Para o Pró-Reitor,

o ranking não deve ser visto como valor absoluto porque ele não é uma meta. É uma consequência. A meta é realizar bons trabalhos, é ver o resultado desse trabalho com impacto na sociedade, é dar condições e suporte para os grupos de pesquisa. A meta, portanto, é melhorar e fazer um bom trabalho para a sociedade e para a ciência. (Coll, 2023, p. 1).

Teichler (2017) traz bastante claro que nenhum desses indicadores se confunde com a ideia de universidade de classe mundial⁶. Tanto Teichler (2017), como o Pró-Reitor Prof. Dr. J. M. T. Romano, refletem a consciência de que o processo deve ser inclusivo e não elitista, devendo focar em todos os estudantes e acadêmicos e no papel que desempenham na sociedade.

Sendo o número de docentes estrangeiros um dos critérios da internacionalização, os dados da Unicamp no Relatório da Avaliação Institucional de 2014-2018 apontam que o corpo docente estava formado por 137 professores estrangeiros, 6,9% de todo o corpo docente. Esse número é inferior ao número de professores estrangeiros de seu início e, nas atuais metas de internacionalização, a Unicamp entende que deverão ser implantadas estratégias mais agressivas de contratação de docentes estrangeiros, inclusive com processo seletivo de docentes em inglês, para favorecer a ambiência multicultural que sempre teve.

Outro indicador de internacionalização apontado acima, é o da titulação de docentes feita no exterior. Como a Unicamp só contrata professores com título de doutor, uma alternativa que tem para aumentar o número de docentes com titulação no exterior em seu corpo docente é a de contratar professores estrangeiros com doutorado já feito. Algumas unidades buscam atuar nessa estratégia por meio da divulgação dos editais de concurso em diversos tipos de veículos de divulgação no exterior.

Nos rankings internacionais, os indicadores de internacionalização contemplam como critérios, os afastamentos de docentes ou visitas de professores estrangeiros por períodos de três meses ou mais. A Unicamp tem em seus regulamentos a possibilidade de afastamentos de docentes para estágios em duas situações - afastamento para pós-doutorado e estágios no exterior para aperfeiçoamento em afastamento de licença sabática⁷.

⁴ Este dado pode ser conferido no site "Unicamp é a terceira melhor da região no ranking QS América Latina e Caribe", disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2023/09/13/unicamp-e-terceira-melhor-da-regiao-no-ranking-qs-america-latina-e-caribe>

⁵ O Pró-Reitor de Pesquisa no quadriênio 2021-2024 é o Prof. Dr. João Marcos Travassos Romano.

⁶ As características de uma universidade de classe internacional podem incluir: Excelência Acadêmica, Pesquisa de Vanguarda, Diversidade Internacional, Recursos Financeiros Consideráveis: Rede Global de colaboradores e pesquisadores, Reputação reconhecida, Compromisso com a Comunidade. Algumas universidades classificadas como de classe internacional incluem: Harvard University, Stanford University, University of Oxford, University of Cambridge, Massachusetts Institute of Technology (MIT).

⁷ Licença Sabática é a licença por um semestre, com vencimentos integrais, concedida ao docente a cada seis anos de efetivo exercício, para desenvolver em outra universidade, projeto de pesquisa, ensino ou extensão vinculados à sua área de conhecimento.

Um outro aspecto da internacionalização na Unicamp é o de possuir em seus 21 Centros e Núcleos Interdisciplinares, pesquisadores estrangeiros. Nestes Centros, criados em 1977 com o objetivo de pesquisa cultural, científica, tecnológica e prestação de serviços, trabalham um total de 450 pesquisadores e 10% deles são pesquisadores estrangeiros.

Internacionalização em Casa: uma meta democrática

Os conceitos associados à internacionalização em casa (at home) surgem com frequência em documentos políticos europeus, nacionais e institucionais. Por exemplo, a Comissão das Comunidades Europeias, em 2013, já afirmava que a internacionalização do currículo é um instrumento para expor muitos estudantes a abordagens internacionais. Ele tem o potencial de melhorar o desempenho e a qualidade das instituições de ensino superior, porque encoraja o intercâmbio de material didático, promove o uso eficiente de campi virtuais e da cooperação (Comissão das Comunidades Europeias, 2013). De acordo com a European Association for International Education- EAIE, (2018), mais de 20% das instituições europeias já consideram a internacionalização at home como uma das estratégias de internacionalização prioritárias. Instituições de ensino superior na Holanda, por exemplo, implementam uma ampla gama de atividades relativas à internacionalização at home por meio do currículo. (Galen e Gielesen, 2016).

A internacionalização em casa se caracteriza como um novo período no processo de internacionalização da educação superior, tendo uma perspectiva mais inclusiva, mais democrática, mais igualitária, onde não só os estudantes se beneficiam do ambiente intercultural como também professores e funcionários.

As políticas de internacionalização at home é relativa a cada instituição, uma vez que são elas que determinam suas políticas institucionais. Segundo J. Beelen e Jones (2016), de forma geral, é aceita a definição de que “a internacionalização at-home é a integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os alunos em ambiente de aprendizagem doméstico”. Com essa definição, a internacionalização at home já é implementada em diversas universidades do mundo.

Da mesma forma, Leask (2015) define a internacionalização at home (em casa) como ações intencionalmente planejadas e desenvolvidas no ambiente acadêmico por meio do conteúdo, dos métodos, da avaliação e outros aspectos relacionados às dimensões interculturais, internacionais, globais. Leask (2015) entende que a forma de desenvolver a internacionalização em casa é por meio da internacionalização do currículo formal e informal. Também aponta que outra forma é a de ter docentes e estudantes estrangeiros que possam compartilhar valores culturais, sociais.

Na Unicamp, há o Grupo Unilnter - Grupo Unicamp Internacional- responsável por acolher os alunos estrangeiros. O Unilnter é formado por veteranos com experiência em intercâmbio que atua em conjunto com a DERI (Diretoria Executiva de Relações Internacionais). O Unilnter auxilia na recepção aos alunos internacionais, cria uma rede de relações culturais com o objetivo de facilitar a vivência deles na Universidade e no país e os assessora nas variadas questões que apresentam.

A dimensão de internacionalização que ultrapassa estratégias comuns, como a da mobilidade, está bastante clara no Planes Unicamp 2016-2020. Ele reconhece a internacionalização como uma estratégia corporativa alinhada aos objetivos institucionais da universidade. Como dimensão, ela é tomada como atividade-fim e meio que contempla diferentes tipos de projetos para qualificar a formação dos estudantes, as formas de produção acadêmicas, uma orientação curricular mais integrada e compatível com universidades estrangeiras e atividades para todos os grupos de profissionais que atuam na universidade (Planes, 2016-2020). Destaca também a relevância da internacionalização no âmbito da pesquisa:

A internacionalização da pesquisa é um processo com múltiplas finalidades no mundo globalizado. Dentre estas finalidades está a qualificação da pesquisa através do conhecimento de resultados de pesquisas realizadas em outros lugares, junto à discussão qualificada com outros interlocutores das diversas áreas do conhecimento. (p. 30)

Internacionalização: novos caminhos

Novos caminhos para a internacionalização estão em processo em muitas universidades do mundo. Um desses novos caminhos ocorreu na Unicamp, onde foi desenvolvido o primeiro Fórum de Estudantes de Pós-graduação do BRICS⁸, nos dias 26 e 27 de setembro de 2022 (DERI, 2022). O objetivo foi o de estimular e promover pesquisas interdisciplinares nos países do BRICS e também identificar as implicações da COVID-19 em três áreas: mudança climática, desenvolvimento empresarial, desenvolvimento local, uma vez que a crise pandêmica provocou problemas globais. Os pós-graduandos do BRICS participaram tanto de forma presencial como remota, e conduziram sessões sobre mudança climática, florestamento e reflorestamento, problemas na saúde, na economia, no emprego, na questão energética, gestão, empreendedorismo, finanças. As sessões deixaram claro que os problemas estão relacionados a todos os países do BRICS e buscaram ter diálogos objetivando construir um mundo sustentável. Para os pós-graduandos que participaram, ficou claro a importância de estarem unidos na busca de soluções comuns. Também ficou claro que os problemas podem ser encaminhados de forma conjunta, uma vez que estes pós-graduandos pertencem a uma geração integrada globalmente.

O segundo Fórum de Pós-graduandos dos BRICS ocorreu na Cidade do Cabo, na África do Sul, nos dias 16 a 18 de agosto de 2023, também no formato híbrido, com apresentações presenciais e online. Teve como objetivo, desenvolver a capacidade dos pós-graduandos de pesquisar os BRICS em aspectos interdisciplinares e de encorajar soluções sustentáveis para os desafios globais. Além das importantes discussões, um outro benefício do Fórum foi o de possibilitar uma rede de “pesquisadores sênior” de todas as nações do BRICS. O terceiro Fórum de Pós-graduandos está programado para o ano de 2024 e provavelmente será no Brasil novamente.

Iniciativa envolvendo o ensino médio é outro dos caminhos que se processam. Um desses programas é o do Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores em São Paulo (ERESP), que desenvolve o Projeto MONUEM, um projeto que surgiu há mais de 40 anos na Universidade Harvard com o objetivo de proporcionar a realização de simulações do modelo da Organização das Nações Unidas a alunos da rede pública do ensino médio (MONUEM). O projeto estimula a oportunidade de os alunos agirem como diplomatas em ambiente de negociação sobre temas vitais para o mundo. Nestas dramatizações os alunos devem levar em conta fatos passados e atuais, reconhecer perspectivas plausíveis, descortinar caminhos, saber argumentar sem agredir, aprender sobre liberdade de expressão e de receber contrapontos para seus argumentos.

A Unicamp está em processo de negociação com o ERESP para os seus alunos de graduação ajudarem a organizar o projeto MONUEM em turmas do ensino médio das escolas públicas em Campinas, com vistas a engajarem os alunos em discussões de política internacional. A finalidade maior desse programa é a de estímulo à vida cívica e à perspectiva de uma cidadania mundial. Esse projeto será desenvolvido na Unicamp em uma espécie de “curricularização da extensão”, isto é, uma atividade extensionista dentro do currículo. O projeto já é desenvolvido em algumas escolas paulistas com sucesso e tem demonstrado aos alunos do ensino médio a influência internacional na vida deles.

Considerações Finais

Embora haja toda uma nova ênfase na questão da internacionalização e se esteja buscando uma forma mais democrática e igualitária para todos os acadêmicos, a efetiva internacionalização da universidade depende de vários fatores. Entre eles, destacamos as políticas institucionais e nacionais, a estruturação física e humana da instituição e o engajamento de estudantes, funcionários, docentes e pesquisadores. A efetividade da internacionalização vai além das iniciativas individuais, pois depende da visão institucional. Um aspecto importante e efetivo na Unicamp é o da internacionalização constar como uma das estratégias prioritárias de seus Planejamentos Estratégicos, ao longo dos anos.

A internacionalização suscita desafios constantes. Nas últimas duas décadas temos um entendimento da importância de ver o processo de internacionalização de forma mais complexa e de forma a ultrapassar a tradicional abordagem da mobilidade. Tem ficado cada vez mais claro que esta abordagem não é suficiente para concretizar a responsabilidade das instituições na preparação de todos os seus acadêmicos para viver e trabalhar numa sociedade global.

⁸ A sigla em inglês é “BRICS Postgraduate Forum”

As instituições estão mais empenhadas em inserir uma dimensão internacional e intercultural no currículo dos estudantes como forma de favorecer uma perspectiva de formação com visão para além do local, regional e nacional.

A Unicamp está ciente da importância de superar os desafios e da necessidade de consolidar estratégias de gestão da internacionalização, adensar a infraestrutura de apoio à cooperação, capacitar a comunidade interna para a internacionalização, melhorar a comunicação de oportunidades e resultados, explorar ainda mais o potencial da cooperação Sul-Sul com instituições parceiras na América Latina e na Ásia.

A Unicamp, levando em conta que a internacionalização não é um fim em si mesma, mas um meio para melhorar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, implementando estratégias de internacionalização abrangentes, construindo alianças internacionais sólidas, tem como ponto principal buscar adequações curriculares, formais e informais, que permitam à maioria dos estudantes tomar contato com outras realidades acadêmicas, culturais e linguísticas.

O intercâmbio virtual, ou intercâmbio remoto, é uma das estratégias que, aclarada pela experiência desenvolvida no período da pandemia, pode permitir aos alunos cursarem disciplinas ministradas em universidades do exterior e a alunos estrangeiros cursarem disciplinas na Unicamp. A oferta dessas disciplinas pode exigir novas formas didático-administrativas como a organização de 'turmas internacionais', isto é, turmas formadas por alunos estrangeiros e brasileiros e ministradas pelos docentes das instituições (pode ser mais do que duas universidades). Essa ênfase de internacionalização possibilita abrangência curricular, diversificação de vivências acadêmicas e contato com diferentes culturas, idiomas e métodos de ensino, mesmo de forma não presencial. É uma forma de implementar colaborações, garantir trocas de conhecimentos, bem como discussões e debates de questões com ampliadas visões. Isto pode favorecer ao aluno de graduação, uma experiência mais próxima do que seja estudar em outras universidades que não a sua.

A Unicamp tem um longo histórico de internacionalização e de colaborações com diversas universidades estrangeiras por meio de convênios, acordos de cooperação, projetos de pesquisas, produções conjuntas e mobilidade de docentes, funcionários e estudantes. Fica claro pelo seu planejamento atual, que busca apoiar ações que possam ir além de colaborações pontuais em pesquisa e produção ou no intercâmbio de estudantes.

Em seu histórico, a Unicamp vem participando de várias associações que têm a internacionalização como finalidade principal. Algumas dessas associações têm caráter latino-americano, outras têm caráter europeu, africano, norte-americano ou mesmo caráter de associar-se com instituições universitárias brasileiras, como é o caso da FAUBAI - Associação Brasileira de Educação Internacional. A Unicamp participa dessa associação desde sua fundação em 1988. Atualmente ela reúne mais de 250 instituições brasileiras com a finalidade de promover a integração e a capacitação de gestores responsáveis por assuntos internacionais e divulgar as potencialidades das IES brasileiras no país e no exterior.

Algumas das associações em que a Unicamp participa e têm caráter latino-americano são: a AUGM - Associação de Universidades Grupo Montevideo, formada por universidades públicas da Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai. Tem como princípio a reciprocidade no oferecimento de vagas de mobilidade; a UDUAL - União das Universidades de América Latina e Caribe, com sede na Universidad Nacional Autónoma de México, tem o propósito de estabelecer laços de cooperação, aproximar universidades da região, tendo em conta o respeito à pluralidade, à liberdade e à autonomia. É formada por universidades de 22 países da América Latina. Outra dessas associações é a MACRO – Red de Macrouiversidades de América Latina y el Caribe, que reúne universidades destacadas por sua complexidade, trabalhos de pesquisas, financiamento público e patrimônio histórico-cultural. Foi criada em 2002, composta por 37 universidades de 20 países. Há ainda a associação GCUB – Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras que foi fundado em 2008 e é composta por 89 universidades brasileiras. Tem como finalidade promover relações acadêmicas, científicas e culturais por meio de programas, projetos e ações de cooperação internacional, bilateral e multilateral, destinados a estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores de todas as áreas, em parcerias com Organizações Internacionais, Redes Universitárias, Órgãos Governamentais de países localizados nos cinco continentes.

A associação Rede Magalhães é um consórcio de universidades da Europa, América Latina e Caribe que tem como objetivo estimular a cooperação entre as instituições membros para e o intercâmbio de estudantes de graduação nas áreas de engenharia e arquitetura. O programa de mobilidade da Rede é chamado SMILE - Student Mobility in Latin América, Caribbean and Europe. Já a FLAUC – Fudan-Latin America University Consortium, é uma associação sediada na Universidade Fudan, em Shanghai, China, que reúne 12 universidades da América Latina com objetivo de cooperação e mobilidade. Há ainda a associação CINDA – Centro Interuniversitario de Desarrollo, com sede em Santiago, Chile, com instituições de ensino superior da Espanha, Itália Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Panamá, Paraguai, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

O Relatório de Avaliação Institucional (2018) deixa claro que a internacionalização tem sido um aspecto implementado pelas unidades de ensino, pesquisa e extensão da Unicamp, bem como pelos 21 Centros e Núcleos Interdisciplinares de pesquisa. Todos eles informaram que houve avanços em suas ações de internacionalização no período compreendido entre 2014 e 2018 e indicaram ser a internacionalização, dimensão fundamental de ações e estruturas dedicadas especificamente ao apoio à internacionalização nos próximos anos. Isto demonstra que a comunidade acadêmica da universidade tem claro a importância que, cada vez mais, a internacionalização assume e que esta dimensão não se configura como um enfoque “da moda”. É antes um aspecto fundamental na formação dos atuais acadêmicos.

Como em toda atividade de instituições, há ainda muitos desafios a respeito da internacionalização, embora ela já esteja bem consolidada na Unicamp. Um dos desafios se verifica na importância de seguir expandindo, refletindo interesses dos cursos de graduação, pós-graduação, pesquisa, redes de pesquisa, publicação. Para isso, há a necessidade de os recursos financeiros continuarem a ser garantidos, inclusive para não deixar de existir o apoio à mobilidade dos estudantes que saem como a dos estudantes que vêm para a Unicamp. Outras ações, já mencionadas, precisam ser continuadas e ampliadas como a oferta de cursos de línguas, disciplinas desenvolvidas em língua estrangeira, atualização constante das tecnologias para os cursos online, expansão dos intercâmbios.

Sendo a internacionalização um processo dinâmico, deve estar sempre sendo avaliado, refletido, debatido e atualizado em conjunto com toda a comunidade acadêmica. Esse é um caminho que a Unicamp tem seguido e está aberta a discutir, com suas congêneres, as novas questões da internacionalização.

Referências bibliográficas

Anuário Estatístico – Unicamp (2023). Ano base 2022. *Universidade Estadual de Campinas, Assessoria de Economia e Planejamento*. <https://www.aeplan.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/5/2023/07/anuario2023.pdf>

Avaliação- Relatório de Atividades Unicamp 2019-2022 (2023). *Universidade Estadual de Campinas, Coordenadoria Geral da Unicamp*. https://www.cgu.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/14/2023/03/cgu_relatorio_20192022_atividades.pdf

Bhandari, R. e Blumenthal, P. (2011). Global Student Mobility and the Twenty-First Century Silk Road: National Trends and New Directions. *International Students and Global Mobility in Higher Education*. Publisher Palgrave Macmillan.

Beelen, J., e Jones, E. (2015). Redefining Internationalization at Home. In A. Curaj, L. Matei, R. Pricopie, J.Salmi & P. Scott (Eds.), *The European Higher Education Area* (pp. 59-72): Springer. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-20877-0_5

Coll, L. (2023). Unicamp é a terceira melhor da região no ranking QS América Latina e Caribe. *Manchete Unicamp*, 13, set. <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2023/09/13/unicamp-e-terceira-melhor-da-regiao-no-ranking-qs-america-latina-e-caribe>

Comissão das Comunidades Europeias. (2013). Communication from the commission to the European parliament, the council, the european economic and social committee and the committee of the regions- *European Higher Education in the World*. 499 pps. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex%3A52013DC0499>

DERI – Diretoria Executiva de Relações Internacionais (2022). *Brazil hosts first BRICS Postgraduate Forum*. <http://www.internationaloffice.unicamp.br/brazil-hosts-first-brics-postgraduate-forum/>

De Wit, H. e Hunter, F. (2013). 25 years of international education and the EAIE: A changing world. In de Wit, H., Hunter, F., Johnson, L. & van Liempd, H-G. (Eds.). *Possible futures: The next 25 years of the internationalization of higher education* (pp. 1-27). European Association for International Education.

De Wit, H.; Hunter, F.; Howard, L.; e Egron-Polack, E. (2015). *The Internationalization of Higher Education*. European Parliament, Committee On Culture And Education.

De Wit, H. e Altbach, P. (2020). Unprecedented challenges, significant possibilities. *International Higher Education*, 100, pp. 3-17.

De Wit, H. e Altbach, P. G. (2021) Internationalization in higher education: global trends and recommendations for its future. *Policy Reviews in Higher Education*, 5.

European Association for International Education. (2018). *The EAIE Barometer: Internationalisation in Europe*. <https://www.eaie.org/>

Gaalen, A. Van, e Gielesen, R. (2016). Internationalization at home: Dutch Higher Education Policies. In R. Coelen E. Jones, J. Beelen, H. de Wit (Ed.), *Global and Local Internationalization* (pp. 149-154). Sense Publishers.

Knight, J. (2012). Five Truths about Internationalization. *International Higher Education*, 69, 4-15.

Leask, B. (2015). *Internationalising the curriculum*. Routledge

Murphy, J. (2007). International perspectives and initiatives. *Health Information and Libraries Journal*, 24(1), pag. 62-68. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2007.00704.x>

PLANES 2016-2020. (2016). *Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas / Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário*. https://www.geplanes.cgu.unicamp.br/geplanes/static/planes/Planes_2016_2020.pdf

Planes 2021– 2025 (2020). *Planejamento Estratégico Universidade Estadual de Campinas*. Teresa Dib Zambon Atvars e Milena Pavan Serafim Orgs. UNICAMP/CGU; BCCL. https://www.geplanes.cgu.unicamp.br/geplanes/static/planes/Planes_2021_2025.pdf

Pereira, E. M. A. (2010). Reforma Curricular da Universidade Harvard: a centralização da educação geral no Século XXI. In: Pereira, E.M.A. *Universidade e Currículo: perspectivas de educação geral*. Mercado de Letras.

Pereira, E.M.A e Martins, N. (2018). *Zeferino Vaz: ideia de universidade*. Mercado de Letras.

Relatório Final de Avaliação Institucional 2014-2018 (2020). Coordenadoria Geral da Universidade. <https://www.cocen.unicamp.br/files/documents/documentosRelatorios/699353b6782537f4a54079ea2441624c-240523.pdf>

Relatório de Atividades Unicamp (2023). Anos Base 2019-2022. Coordenadoria Geral da Unicamp. https://www.cgu.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/14/2023/03/cgu_relatorio_20192022_atividades.pdf

Steger, M.B. (2003). *Globalization: A Very Short Introduction*. Oxford University Press.

Teicher, U. (2017). Internationalisation Trends in Higher Education and the Changing Role of International Student Mobility. *Journal of International Mobility*, 1(5), pp. 177 - 216. <https://www.cairn.info/revue-journal-of-international-mobility-2017-1-page177.htm>.

Fecha de recepción: 6-10-2023

Fecha de aceptación: 17-10-2023